UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Cristiano Souza Brito

TEKOHA: A gentrificação da cidade saúde

Produto Jornalístico

Mariana/MG
2026

Cristiano Souza Brito

TEKOHA: A gentrificação da cidade saúde

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha

Mariana/MG

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B862t Brito, Cristiano Souza.
Tekoha [manuscrito]: a gentrificação da cidade saúde. / Cristiano Souza Brito. - 2026.
46 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Conservação da natureza - Guarapari (ES). 2. Documentário (Cinema). 3. Gentrificação. 4. Reservas indígenas. 5. Sustentabilidade. I. Rocha, Adriano Medeiros da. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.334.54(815.4)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - CRB6 1407

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Cristiano Souza Brito

Tekoha: a gentrificação da cidade saúde

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Jornalista

Aprovada em 05 de março de 2026

Membros da banca

Doutor - Adriano Medeiros da Rocha - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor - Leandro Silva Lopes - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor - Francisco José Daher Júnior - Universidade Federal de Ouro Preto

Adriano Medeiros da Rocha, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 22/10/2026.

Documento assinado eletronicamente por **Adriano Medeiros da Rocha**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/10/2026, às 18:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6°, § 1°, do Decreto n° 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **1218735** e o código CRC **43A52690**.

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

A Marisco, meu cachorro, por ter sido a minha companhia constante quando estive longe de todos aqueles que amo.

Ao meu pai, Adalci, pelo amparo na busca por uma conquista; minha mãe, Laurita, por todas as orações; minha tia, Laudy, pelo acolhimento; minha avó, Maria, por me ajudar a lembrar sempre do que carrego dentro do peito.

Aos meus amigos, Allan Pagung, Diego Gava e Kelvin Fernandes, por terem acreditado, confiado e permanecido ao meu lado nos momentos mais difíceis de minha vida.

Ao meu orientador, Adriano Medeiros da Rocha, por me acolher neste projeto e pela paciência em me orientar.

A meus colegas da TV UFOP e Rádio UFOP FM, Elis Cristina, Du Sarto, Chico Daher, Adriana Moreira, Yura Netto, Patrícia Consciente, David Bicalho, Wanderley Tavares, Rogério Bibiano, Simei Gonderim, Danilo Roxette, Celso Peixoto, Carol Ribeiro, Aurelio Bernardi, Yara Bastos, Karina Peres e Livia Raquel pelo companheirismo e aprendizado profissional.

A Diego Panetto, por me inspirar a ser um homem melhor a cada dia.

Meu mais sincero obrigado!

Dedico este trabalho a todos os que nunca alcançaram a paz em vida.

“Crianças que nunca viram a paz e crianças que nunca viram a guerra tem valores diferentes”

Eiichiro Oda

RESUMO

Guarapari, cidade do litoral capixaba, é famosa pelas diversas praias e beleza natural, fatores que atraem e aquecem o mercado imobiliário de maneira voraz. O crescimento irrefreado da cidade trás consigo também um maior interesse econômico no acesso e construção de imóveis, o que inclui, mas não se limita, as proximidades ou beiras de praias. Este trabalho, no formato de documentário audiovisual, visa tensionar a relação entre o processo de gentrificação, sustentabilidade e identidade local.

Palavras-chave: gentrificação, sustentabilidade, território indígena, preservação ambiental, documentário.

ABSTRACT

Guarapari, a city on the coast of Espírito Santo, is famous for its many beaches and natural beauty, factors that attract and intensely heat up the real estate market. The city's unrestrained growth also increases economic interest in access to and development of properties, including, but not limited to, areas nearby or along the beaches. This work, in the format of an audiovisual documentary, seeks to examine the relationship between the process of gentrification, sustainability and local identity.

Keywords: gentrification, sustainability, indigenous territory, environmental preservation, documentary

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **8**

1. BASE CONCEITUAL **10**
1.1. Gentrificação **10**
1.2. Sustentabilidade **12**
1.3. Território indígena **14**
2. PLANEJAMENTO **16**
2.1. Ideia e esboço **16**
2.2. Público-alvo e objetivo **21**
2.3. Relevância pessoal **21**
2.4. Referências visuaise narrativas **22**
2.4.1. Descrição geral **22**
2.4.2. Descrições específicas **22**
3. FILMAGENS E EDIÇÃO **36**
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS **40**

FICHA TÉCNICA **42**

REFERÊNCIAS **43**

INTRODUÇÃO

O agir e pensar sustentável deixou de ser importante para se tornar necessário em todos os ecossistemas de nosso mundo já faz tempo. Usando a analogia do relógio, que necessita da plena execução de cada uma de suas peças para funcionar devidamente, o planeta Terra também necessita de harmonia ambiental de todos os seus ecossistemas; ou, do contrário, desequilíbrios climáticos se tornarão cada vez mais drásticos, culminando no pior cenário: a extinção da vida humana neste mundo como a conhecemos.

Colocar em prática a sustentabilidade é um dever fundamental de todo regime político; e, ainda que seja um termo criticado e questionado, a sua aplicabilidade ainda é ideal. Em Guarapari isso não é diferente. Com cinquenta e duas praias e diversas praiotas, o município, que compreende parte da "Grande Vitória", território metropolitano do Espírito Santo, possui uma faixa litorânea considerada importantíssima para a biodiversidade marinha capixaba. Como é o caso do arquipélago das três ilhas localizado na Área de Proteção Ambiental (APA) de Setiba, que abriga a maior diversidade de peixes recifais do país; a terceira maior do Atlântico Ocidental e que é protegida por lei desde 1994.

Entretanto, muitos trechos da cidade não são amparados legalmente, como a região das *praias bucólicas (*conceito definido pela escritora Beatriz Bueno em seu livro "Guarapari: Muito mais do que um sonho lindo" para definir o trecho de onze praias que se inicia na Praia do Boião e termina na Praia do Netuno, e, nomeado assim por conta da anterior presença humana reduzida) e o morro do Guaibura, que tensionaram embates jurídicos entre o mercado imobiliário e a população local. A preservação da área das *três praias*, por exemplo, é colocada em xeque, uma vez que na região foi construído um condomínio de luxo pela construtora *Alphaville*. Em um passado próximo, o mesmo local também havia sido palco de disputas ligadas à especulação imobiliária com a criação do condomínio Aldeia da Praia; mais um dos vários outros empreendimentos cívicos que vem sendo implementados na cidade. Com isso, a presença humana não somente se intensificou como se tornou permanentemente constante.

Com maior presença humana em praias, que até então não atraiam tantos banhistas por conta do afastamento de regiões urbanas da cidade, também aconteceu um processo de intensificação na produção de lixo, que comumente acaba sendo jogado na faixa de areia da praia e no mar. Materiais como plástico, isopor, papéis e restos de comida, por exemplo, auxiliam na produção de chorume, um líquido viscoso e escuro proveniente do apodrecimento desses materiais. Essa substância possui um poder poluidor muito alto e causa impactos severos à biodiversidade.

Em teoria, os condomínios ali estabelecidos devem resguardar, proteger e preservar o ecossistema local, como decretado por lei. Além disso, os gestores dos condomínios, são também os responsáveis pela administração dos impactos socioambientais, uma vez que a não execução disso implica em privatização criminosa dessas praias; algo que não é permitido no Brasil e que fere os direitos de ir e vir dos cidadãos bem como o usufruto de espaços públicos. Porém, a tentativa de privatização e o bloqueio do acesso ocorre com uma certa frequência, como noticiado em veículos jornalísticos independentes, especialmente em época de festas de fim de ano como natal e réveillon.

Diante do cenário supracitado, esta pesquisa e filme documentário, buscam conscientizar sobre a importância da sustentabilidade na região costeira de Guarapari, através da opinião de moradores relevantes e engajados com a causa ambiental da cidade e que atuam de maneira ativa na preservação do meio-ambiente local, visando evitar danos socioambientais à região, enquanto consideram o bem-comum (as praias) e as necessidades de diversos grupos de interesse, como os cidadãos da cidade, moradores dos condomínios e a fauna e a flora, seres que não podem se comunicar verbalmente, mas que também utilizam e vivem nesses espaços.

1. BASE CONCEITUAL

No caminho teórico desta pesquisa foi necessário aprofundar leituras e reflexões a repeito de alguns subtemas que também serão abordados no filme desenvolvido, tais como: os impactos sociais causados pelo processo de encarecimento e substituição de moradores da cidade de Guarapari, os impactos causados pela construção civil em áreas de preservação ambiental e a identidade dos moradores originários da cidade. Neste sentido, este primeiro capítulo irá desdobrarem três pilares conceituais essenciais: a gentrificação, a sustentabilidade e a causa indígena.

De maneira auxiliar, a leitura da legislação brasileira no que tange ao ambientalismo foi crucial para o entendimento do quanto determinados empreendimentos são pouco éticos ou até mesmo legais.

1.1 Gentrificação

Para Henri Lefebvre, o espaço não é mero lugar, mas produto social construído ao longo da história e através de relações de poder, como a lógica capitalista acumulativa infundada em disputas simbólicas. O autor define e categoriza dimensões interdependentes do espaço: concebido, percebido e vivido. Sendo o primeiro desses conceitos, isto é, o espaço concebido, a noção de que planejamento é definido por sua lógica funcional, frequentemente vinculada à necessidade e interesses do Estado, transformando o espaço em mercadoria e instrumento de controle social. O espaço percebido, é aquele que é experimentado por meio de deslocamentos, rotinas e usos concretizados. Enquanto o espaço vivido é o mais importante para Lefebvre, que envolve a produção de sentidos subjetivos para o espaço habitado.

Nesse contexto, o *direito à cidade* é caracterizado como reinvindicação política e reapropriação do espaço urbano pelos habitantes, que se contrapõem à segregação socioespacial.

A partir desse marco teórico, a gentrificação pode ser compreendida como uma das expressões contemporâneas da produção capitalista do espaço. Trata-se de um processo de revalorização imobiliária de áreas centrais ou tradicionalmente populares que, sob o discurso de “revitalização”, promove a substituição de populações de baixa renda por grupos de maior poder aquisitivo. Esse movimento articula investimentos públicos, interesses privados e estratégias de marketing urbano, convertendo o espaço em ativo financeiro. A gentrificação não

apenas eleva preços e aluguéis, mas redefine usos, identidades e memórias locais, gerando deslocamementos diretos e indiretos.

Nesse cenário, a chamada arquitetura hostil, ou seja, dispostivios urbanos como bancos segmentados, grades, obstáculos ou intervenções paisagísticas destinadas a impedir permanências, ou mesmo transigências consideradas indesejáveis, constitui uma materialização concreta das estratégias de controle e exclusão no espaço público. Ao restringir a utilização da cidade por populações vulneráveis, tais práticas evidenciam a tensão entre o direito à cidade e a gestão mercantilizada do espaço urbano. A arquitetura hostil, portanto, integrta o repertório de instrumentos que acompanham processos de gentrificação, reforçando fronteiras simóblicas e sociais.

No contexto brasileiro, as análises de Milton Santos em *A urbanização Brasileira* (1993) e *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988) aprofundam a compreensão dessas dinâmicas em economias periféricas. Santos argumenta que a urbanização no Brasil se desenvovle de forma desigual e combinada, marcada por mordenizações seletivas que coexistem com amplas precariedades. O autor destaca a centralidade do meio técnico-científico-informacional na reorganização do território, reforçando hierarquias espaciais e ampliando a fragmentação socioespacial. Nesse quadro, a gentrificação não deve ser lida como fenômeno isolado, mas como parte de um processo de reestruturação urbana que intensifica desigualdades e redefine centralidades.

A literatura internacional sobre cidades costeiras oferece paralelos elucidativos. Em *The Death and Life of Monterey Bay*, é analisada a trajetória da histórica região de Monterey Bay, marcada por ciclos de exploração intensiva, degração ambiental e posterior requalificação orientada à conservação e ao turismo. Embora o enfoque recaia sobre transformações ecológicas e econômicas, o caso evidencia como reestruturações territoriais podem redefinir usos do litoral, produzir novas centralidades e reconfigurar relações entre comunidade, mercado e natureza.

Comparativamente, o litoral de Guarapari revela dinâmicas análogas, ainda que situadas em outro contexto socioeconômico. A dissertação de doutorado *Da cidade-saúde à cidade-turismo: A invenção da praia turística de Guarapari (ES) – Uma geografia dos usos do litoral*, de Christian Jean-Marie Boudou, examina a transformação de Guarapari de estância balneária associada à saúde para destino turístico massificado. O autor demonstra como a invenção simbólica da "praia turística" implicou reordenamentos espaciais, valorização fundiária e redefinição dos usos do litoral, favorecendo determinados agentes econômicos em detrimento de práticas tradicionais e do acesso popular.

De modo complementar, *Guarapari: muito mais do que um sonho lindo*, de Beatriz Bueno, contribui para uma preservação da narrativa histórica e identitária da cidade, evidenciando os processos de formação urbana e as disputas em torno de sua imagem e vocação turística. A comparação entre Monterey Bay e as praias de Guarapari permite observa que, em ambos os casos, a requalificação territorial e a valorização paisagística caminham lado a lado com trasnformaçlões socioeconômicas profundas, ainda que os defechos ambientais e sociais sejam distintos.

Assim, à luz dos autores supracitados, pode-se afirmar que a gentrificação na área litorânea de Guarapari representa uma forma específica de produção do espaço orientada pela lógica do capital turístico-imobiliário. A artquitetura hostil, a especularização de paisagem e a mercantilização do litoral integram um mesmo processo de reconfiguração urbana que tensiona o direito à cidade. Em síntese, tais obras convergem ao demonstrar que o espaço urbano é arena de disputas permanentes, nas quais se confrontam interesses econômicos, políticas públicas e práticas sociais, definido quem pode habitar, usar e significar a cidade.

1.2 Sustentabilidade

A discussão contemporânea sobre sustentabilidade costeira exige uma abordagem interdisciplinar que articula fundamentos ecológicos, instrumentos jurídicos e dinâmicas socioeconômicas. No campo das ciências naturais, a obra Marine Biology: funcion, biodiversity, ecology, de Richard E. Barnes e Jeffrey S. Levinton (2017), oferece base teórica essencial ao examinar a funcionalidade dos ecossistemas marinhos, sua biodiversidade e os processos ecológicos que sustentam a vida nos oceanos. Os autores enfatizam que ambientes costeiros, como praias, estuários e recifes, constituem zonas ecotonais altamente produtivas, porém particularmente vulneráveis a pressões antrópicas, incluindo urbananização, poluição difusa, turismo intensivo e mudanças climáticas.

Sob a perspectiva ecológica, a sustentabilidade das praias urbanas depende da manutenção de processos naturais como a dinâmica sedimentar, a circulação de nutrientes e a integridade das cadeias tróficas. Intervenções como aterros, espigões, impermeabilização do solo e ocupação desordenada alteram tais processos, comprometendo a resiliência ambiental. A literatura de biologia marinha demonstra que a perda de biodiversidade em ambientes costeiros reduz a capacidade adaptativa dos ecossistemas frente a eventos extremos, como ressacas e elevação do nível do mar.

No plano normativo, a sustentabilidade encontra respaldo na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, especialmente no artigo 225, que consagra o meio ambiente ecologicamente equilibrado como direito fundamental e impõe ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. Complementarmente, a lei nº 6.938/1981 institui a Política Nacional do Meio Ambiente, estabelecendo instrumentos como o licenciamento internacional, a avaliação de impactos e a responsabilidade objetiva por danos ambientais. Já a Lei nº 9.605/1998 tipifica condutas lesivas ao meio ambiente, reforçando a tutela sancionatória.

No que concerne especificamente às praias, a Lei nº 1988 institui o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro, reconhecendo a zona costeira como patrimônio nacional e estabelecendo diretrizes para seu uso sutentável. A obra *A tutela jurídica das praias urbanas no Direito Ambiental Brasileiro* aprofunda essa discussão ao analisar a natureza jurídica das praias como bens públicos de uso comum do povo, inalienáveis e de acesso coletivo. O texto ainda buscapreventir a apropriação privada indevida, reforçando a dimensão socioambiental da sustenbilidade.

Nesse contexto, emerge o debate em torno da chamada PEC das praias, proposta de emenda constitucional que pretende alterar o regime jurídico dos terrenos de marinha e seus acrescidos. Críticos argumentam que eventual flexdibilização do domínio público pode fragilizar a proteção ambiental e ampliar a privatização indireta de áreas litorâneas, comprometendo o principio da função socioambiental do patrimônio público. Por outro lado, defensores da PEC das praias alegam que a medida poderia conferir maior segurança jurídica a acupantes e fomentar investimentos. A controvérsia revela a tensão entre desenvolvimento econômnico e preservação ambiental

A análise integrada entre biologia marinha e direito ambiental evidencia que a sustentabilidade costeira não se resume à conservação ecológica isolada, mas pressupõe governança territorial orientada por critérios científicos e princípios jurídicos como prevenção, precaução e vedação ao retrocessso ambiental. A degração de praias urbanas, seja por ocupação irregular, seja por especulação imobiliária ou infraestrutura inadequada, compromete serviços ecossistêmicos essencais, como proteção contra erosão, regulação climática e suporte à biodiversidade.

Assim, a sustentabilidade das praias urbanas brasileiras demanda a articulação entre conhecimento científico, planejamento costeiro e efetividade normativa. A convergência entre os fundamentos ecológicos apresentados por Levcinton e Barnes e oarcabouço jurídico brasileiro apontam para a necessidade de políticas públicas integradas que garantam não apenas

o uso econômico do litoral, mas sua integradeecológicoa e sua utilização coletiva. Em síntese, a proteção das praias constitui questão estratégica para a justiça ambiental intergeracional e para a consolidação de um modelo de desenvolvimento verdadeiramente sustentável.

1.3 Território Indígena

A reflexão contemporânea sobre território, pertencimento e sustentabilidade encontra constribuições decisivas na obra de Ailton Krenak, especialmente em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) e *Lugares de Origem* (2021). Nessas obras, Krenak propõe uma crítica contundente ao paradigma civilizatório ocidental, denunciando a sepração entre humanidade e natureza como fundamento simbólico da crise ecológica global. Para o autor, o "fim do mundo" não é um evento apocalíptico futuro, mas um processo contínuo de expropriação de territórios, silenciamento de cosmologias e destruição de modos de vida indígenas.

Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak, questiona a noção de progresso ilimitado e a universalização de um modelo econômico baseado na exploração intensiva da terra. Ele argumenta que a modernidade construiu uma ficção segundo a qual a natureza seria mero recurso disponível à acumulação. Essa ruptura ontológica, que transforma rios, montanhas e florestas em mercadorias, produz não apenas degradação ambiental, mas também empobrecimento espiritual e cultural. A alternativa sugerida pelo autor não se limita a políticas ambientais pontuais, mas implica uma reconfiguração radical da relação entre humanos e território, reconhecendo a Terra como organismo vivo e sujeito de direitos.

Já em *Lugares de Origem*, Krenak aprofunda a dimensão territorial da existência indígena, enfatizando que o lugar não é apenas espaço físico, mas matriz de identidade, memória e espiritualidade. O território constitui condição de possibilidade da vida coletiva, sendo inseparável das narrativas, dos rituais e das formas de organização social. A perda do território equivale, portanto, à perda do próprio mundo.

À luz dessas reflexões, é possível reinterpretar o litoral de Guarapari como território ancestral, anterior à sua consolidação como cidade turística. Dessa forma, muito antes da invenção moderna da "praia" como mercadoria paisagística, a região integrava territórios tradicionalmente habitados por povos indígenas do tronco *tupi*. Nesse sentido, pensar Guarapari como terra indígena não significa apenas reinvindicar reconhecimento histórico, mas reconstituir a dimensão ontológica do lugar, isto é, compreedê-lo como espaço de vida, e não apenas de exploração econômica.

A urbanização acelerada e a turistificação do litoral capixaba podem ser analisadas, sob a perspectiva krenakiana, como parte do processo civilizatório que dissocia território e existência. A praia, convertida em ativo imobiliário e cenário de consumo, tende a obscurecer as camadas históricas e cosmológicas que a constituem. A mercantilização da paisagem promove uma espécie de "apagamento ontológico", no qual o lugar deixa de ser origem para tornar-se produto.

Correlacionar Guarapari à noção de terra indígena, implica deslocar o eixo interpretativo: de um espaço destinado prioritariamente ao lazer e à especulação para um território que carrega histórias de resistência, pertencimento e relação espiritual com a natureza. Essa reinterpretação não se limita ao reconhecimento jurídico formal, mas convoca uma ética do cuidado e da reciprocidade com o ambiente costeiro.

Em consonância com Krenak, sustenta-se que adiar o "fim do mundo" pressupõe reaprender a habitar os lugares, inclusive os litorais urbanizados, como espaços de origem e não apenas de passagem ou consumo. Guarapari, nesse horizonte, deixa de ser somente destino turístico e passa a ser compreendida como território vivo, cuja sustentabilidade depende do reconhecimento de suas camadas históricas, culturais e ecológicas. Trata-se, em última análise, de substituir a lógica da apropriação pela lógica do pertencimento, reinserindo o humano na teia de relações que sustentam a vida.

2. PLANEJAMENTO DO FILME

2.1 Ideia e esboço

Na véspera do natal de 2023 foi noticiado por um perfil nas redes sociais que o condomínio Aldeia da Praia teria bloqueado a entrada à passarela de acesso entre a praia dos ventos e a praia dos campistas, sob pretexto de que estariam reformando a passarela. Como já aconteceram situações semelhantes antes, resolvi ir até lá para checar, e me deparei com a seguinte situação: uma placa havia sido instalada na entrada da passarela e, logo no começo, um emaranhado de galhos de árvore bloqueavam o caminho, mas para além disso, a passarela estava intacta. Entrei mesmo assim, e ao andar pela passarela, que ao todo, tem cerca de cem metros de extensão, notei que não havia nenhum tipo de reforma sendo feita, mas que outros emaranhados de galhos de árvore estavam igualmente distribuídos ao longo da tal passarela. Quando cheguei do outro lado, uma família comemorava o natal na areia da praia. Estavam todos muito bem vestidos, a pele reluzia sem a presença de uma única cicatriz, os cabelos bem penteados e possuiam sorrisos resplandecentes no rosto, despreocupadíssimos -até o momento em que notaram minha presença. Retornei pela mesma passarela ciente de que a suposta reforma era apenas uma tática do condomínio para barrar o acesso de transeuntes na praia dos ventos na véspera do natal. No dia seguinte, retornei ao local e, assim como a placa não estava lá, os galhos também não mais estavam e tampouco a suposta reforma.

Essa vivência anteriormente mencionada me causou tamanho desconforto que gerou uma série de diálogos com moradores da cidade e especialistas em áreas diversas do saber, e, apesar das opiniões serem diferentes, elas convergiam com a minha quando acreditavam que o interesse por trás do que aconteceu ali, era o de privatizar as praias. Essa tentativa de privatização velada das praias, inclusive, é um grande debate entre moradores nativos da cidade e construtoras, que não somente possuem um interesse mercadológico nos espaços das praias, mas também tornam essas construções irresistíveis com a ilegalidade de suas instalações na faixa de areia de muitas praias, como força de exemplo, a praia do Netuno. Nela, as construções não somente desrespeitaram o espaço mínimo após a restinga para construção, como a mansão ali situada foi construída na própria areia da praia. Parte do quintal da residência, aliás, é a areia da praia do Netuno. Em vinte e seis de abril de 2021 uma estátua localizada na praia do Netuno desapareceu. A estátua em questão era do Deus Grego dos mares, Poseidon, ou Netuno na mitologia romana, o mesmo que dá nome à praia. Não se sabe ao certo até hoje qual o motivo do desaparecimento, entretanto, sabe-se que a estátua pertence a um morador e estava localizada

em um bem público, que é a praia. A Secretaria Municipal de Turismo, Empreendedorismo e Cultura (SETEC), informou que o local atraia muitos turistas que iam até lá para tirar fotos e acabavam se machucando. Tal notícia gerou desconfiança por muitos moradores sobre o real motivo do desaparecimento da estátua, que além de ficar em local de difícil acesso e ser feita de pedra, era vigiada pelas várias guaritas posicionadas ao longo do condomínio ali presente. Anos depois, a estátua, ou o que restou dela, foi encontrada por uma turista apoiada nos muros de uma das mansões, o que resultou em ainda mais estranhamento público sobre seu fim.

Situações assim são típicos casos indiretos de táticas de privatização de praias, o que indiretamente está conectado com a gentrificação, que vem crescendo violentamente em Guarapari, devido ao seu maior atrativo: as praias. Ciente disso, decidi que este documentário deveria abordar esta questão, sob o olhar dos moradores nativos, das famílias que tornaram a pequena aldeia de Guarapari, na cidade que ela é. E antes de qualquer família se situar aqui, essa cidade era território indígena.

O filme foi idealizado como um documentário dividido em quatro partes interdependentes, formando uma narrativa progressiva que conecta dimensões sociais, ambientais, jurídicas e participativas. Com plano de fundo na cidade de Guarapari, que constitui o recorte territorial central da obra, sendo analisada como espaço socialmente produzido, ambientalmente tensionado e politicamente disputado.

ANTROPO, do grego “humano”, é a primeira parte. O título remete à centralidade da ação humana na transformação do espaço urbano e costeiro. Esse segmento aborda o impacto social de fenômenos como gentrificação, mercantilização do litoral, arquitetura hostil e exclusão socioespacial. A proposta é evidenciar como o planejamento urbano e a lógica imobiliária reconfiguraram áreas tradicionais da cidade, alterando dinâmicas de pertencimento e deslocando populações historicamente vinculadas ao território.

Essa primeira parte iniciaria com a descrição das informações gerais sobre a cidade de Guarapari. Esse começo, pode parecer supérfluo, mas não é. Afinal, Guarapari é um importante município do Estado do Espírito Santo, para muito além do setor turístico. Além de ter sido nomeada, em 2023, como a cidade capixaba mais segura, o território do município abriga uma importante biodiversidade marítima e terrestre, como é o caso do Parque Paulo César Vinha, que, de acordo com a Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Governo do Espírito Santo, abriga uma unidade de conservação que abriga 45,38% das 1.115 espécies reconhecidas em toda a costa capixaba e da Área de Preservação Ambiental de Setiba. Essas são definições gerais e características que a cidade de Guarapari apresenta, junto a informações como extensão territorial, PIB per capita, IDH, clima e afins também seriam informadas brevemente ali, com

o objetivo de contextualização e tomariam pouquíssimo tempo de tela. Esse resumo descritivo da cidade é importante também para situar aqueles que porventura assistam ao documentário sem conhecer a cidade de Guarapari.

Essas informações gerais precisariam ser mencionadas no documentário por dois motivos: o primeiro deles por se tratar do reconhecimento do município com a devida importância que possui, e que vai além da cidade como balneário, e só é possível fazer isso tendo ciência da dimensão geral deste *território*. O outro motivo se deve à forma como essas informações mais gerais ajudam a estabelecer um paralelo sobre a importância da participação ativa da comunidade guarapariense na manutenção e preservação do ecossistema local, tendo em vista a relevância municipal.

Durante essa primeira parte seriam apresentados os moradores dos condomínios Aldeia da Praia, empreiteiros do condomínio *Alphaville* (algo que se mostrou inviável, devido ao não interesse por parte dos moradores contactados) e os moradores gerais da cidade. Eles colocariam em voga os seus posicionamentos durante as entrevistas, e desses dois grupos (moradores dos condomínios e moradores da cidade que não residem por lá), pessoas que praticam esportes aquáticos (como mergulho e *surf*), pescadores, artesãos e banhistas seriam algumas das fontes abordadas, uma vez que fazem partes de grupos sociais que mais utilizam e dependem do acesso livre às praias.

Ainda durante a introdução inicial da cidade, seria tracejado conceitual e visualmente - através de artifícios técnicos como a utilização de efeitos gráficos que demonstrem o mapa da cidade -, um recorte localizado na região das praias bucólicas de Guarapari, trecho que compreende as seguintes praias: *Praia do Boião*, *Praia Recanto dos Amores*, *Praia do Morcego, Praia do Ancoradouro, Praia da Leontina, PraiadeMateus Lopes*, *Praia dos Adventistas*, *Praia das Conchas, Praia dos Ventos*, *Praia dos Campistas* e *Praia do Netuno*.

Durante esse trecho seriamapresentadas as trilhas e os acessos a essas praias e também os contextos sociais aos quais elas estão relacionadas, conforme as atividades estabelecidas pelos personagens. Uma importante comparação que foi identificada através da pesquisa é que muitos balneários ao redor do país e do mundo geralmente investem em resorts, uma vez que uma construção desse tipo gera diversas oportunidades de emprego e mantém a economia dessas cidades em constante crescimento ao longo de todo o ano.

Em muitos desses casos, especialmente em outros países, como Bali, Egito e Estados Unidos, alguns resorts privatizaram as praias onde estão localizados. Mas, como no Brasil não existe lei que autoriza a privatização, a instalação de resorts não proíbe e nem pode coibir o

acesso de pessoas que não estejam hospedadas nesses lugares; tudo isso com o adendo de fiscalizações mais rigorosas.

Outra discussão que compara condomínios de luxo com a de resorts na região das praias bucólicas também seria desdobrada nas entrevistas com as fontes, levando em conta as diferenças do impacto socioambiental e econômico provocados pela instauração desses dois tipos de empreendimentos.

A primeira parte se encerraria com uma discussão de como os diferentes grupos sociais abordados dependem do acesso às passarelas - que compõem uma parte da trilha mais acessível -, levando em conta também como pessoas com mobilidade reduzida acabam sendo prejudicadas por isso e como o direito constitucional de ir e vir pode estar sendo infringido nesse processo.

BIO, do grego “vida”, constituiria a segunda parte e concentra-se na sustentabilidade e nos impactos ambientais decorrentes da urbanização costeira. São discutidos processos ecológicos do ambiente marinho, degradação das praias, alterações na dinâmica sedimentar e perda de biodiversidade. Essa etapa estabelece diálogo entre ciência e território, demonstrando que a exploração econômica do litoral compromete serviços ecossistêmicos essenciais e ameaça a resiliência ambiental de Guarapari.

Apesar disso, a maior parte das praias da cidade já contam com uma presença humana intensa e de alto valor poluidor. Em 2020, por exemplo, cerca de 90 mil toneladas de lixo foram retiradas das praias de Guarapari diariamente. Levando em consideração que algumas praias mais populares da cidade recebiam cerca de 1 milhão e meio de pessoas durante a alta temporada - que ocorre entre os meses de dezembro e março -, a limpeza das praias já é feita normalmente, nas regiões sul, central e norte. Mas na região das praias bucólicas, apesar de haver limpeza, existem áreas onde essa limpeza não é realizada, dado a dificuldade de acesso.

Na segunda porção do documentário seria feito uma identificação dos principais integrantes da biodiversidade endêmica, onde uma certa listagem seria evidenciada, dentro dos limites temporais do documentário.

Durante essa segunda parte não existiriam personagens humanos. No lugar deles o cenário, a fauna e a flora ocupam essa função. Afinal são os peixes, aves, mamíferos, plantas, flores, água, pedras, areias e árvores que vivem por lá que melhor representam esse grupo de interesse, visto que ainda que não falem, eles possuem a necessidade e o direito de ocupar aquele espaço. Aqui, a imersão no cenário seria importante, especialmente quando se trata de imagens submersas para o registro de animais como peixes e corais. Iconograficamente, o uso de imagens do mar, neste ponto, representaria a vida, uma vez que sem água a vida não existe.

CRACIA corresponde à terceira parte e aborda a dimensão jurídica. O foco recai sobre a legislação ambiental brasileira, a tutela jurídica das praias urbanas e debates contemporâneos como a chamada “PEC das Praias”. Analisa-se a tensão entre domínio público, regularização fundiária, interesses privados e proteção socioambiental, evidenciando como o arcabouço normativo pode tanto proteger quanto fragilizar o uso coletivo do litoral.

A terceira parte do documentário, intitulada de *“Cracia”*, palavra grega para força/poder, retrataria a relação entre o governo e os órgãos governamentais com as praias bucólicas. É nessa parte onde seria debatido a (i)legalidade da privatização velada dessas praias, o que pode ou não ser feito pelos condomínios, o cuidado com a sustentabilidade e algumas definições legais.

O contato e gravação com representantes das secretarias que englobam questões ambientais e sociais seria necessário, pois são esses órgãos que respondem diretamente pela sustentabilidade da região. Além do mais, são as secretarias municipais que poderiam esclarecer devidamente quais a diferenças entre os dados produzidos através da pesquisa dos especialistas com os dados fornecidos pelas fontes oficiais, tais como: impactos causados pela presença do homem à biodiversidade endêmica. Para isso, seriam procurados os responsáveis pelos órgãos como a Secretaria Municipal de Turismo e Cultura, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Agricultura, a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, a Secretaria Municipal de Análise e Aprovação de Projetos e a Secretaria Municipal de Comunicação. Sendo que, a última não necessariamente para entrevista, mas como facilitador para a participação de outros setores da Prefeitura Municipal de Guarapari.

Sobre a estéticapensada para este fragmento da obra - como essa parte possui um enfoque muito grande em instituições - os enquadramentos e ângulos exibiriam os edifícios onde as secretarias e a prefeitura estão localizados e também os condomínios, a própria passarela que desencadearia as questões sociais discutidas na primeira parte do documentário e as instalações das ONG’s também. A possível presença de pedras em algumas imagens poderia sugerir uma relação iconográfica com a imponência dessas instituições.

Por fim, DEMO encerraria o documentário enfatizando as intervenções sociais provenientes da população e a interação entre os diversos grupos de interesse que disputam o espaço urbano — moradores tradicionais, setor imobiliário, poder público, comerciantes, ambientalistas e turistas. Essa parte privilegiaria a escuta das vozes locais, destacando mobilizações comunitárias, resistências e propostas de reapropriação do espaço urbano.

O documentário finalizaria com três perguntas feitas para todas as fontes: “você gostaria que as praias bucólicas fossem preservadas?”, “o que mais você sentiria falta se mudasse ou

deixasse de existir por lá? ”, “o que você teme que aconteça no futuro com a região de praias bucólicas?”, e “como você se recorda das praias bucólicas no passado?”.

Quanto à condução estética dessa última parte, as captações representariam o povo através de filmagens de drones, que demonstrariam ações coletivas, grupos de pessoas usufruindo das praias, pessoas fazendo trilhas pela região de praias bucólicas, pessoas nadando e pescando, por exemplo. A ideia seria que os enquadramentose as angulações pudessem estar focados em grandes quantidades de pessoas, evidenciando, inclusive, a pele propriamente ditadas mesmas, já que elas representamo quarto elemento presente neste documentário.

Antes dos créditos subirem, o título inicial e provisório do documentário, Ethos, subiria e reapareceria em *fade in* e desapareceria em *fade out*, reforçando que a ética é bem comum de tudo o que foi abordado no documentário.

2.2 Público-alvo e objetivo

O filme documentárioproposto é direcionado à população geral de Guarapari, mas possui apelo especial à população mais vulnerável e nativa da cidade, que foi progressivamente marginalizada ao longo das décadas, em razão da expansão turística e imobiliária, que empurrou essa população para as periferias da cidade, enquanto edifícios, mansões e condomínios de luxo eram e ainda são instalados em praticamente toda a costa.

O objetivo central desta pesquisa e produtoé promover conscientização crítica sobre as transformações socioambientais do município de Guarapari, ampliando o debate público acerca de quem se beneficia e quem é excluído nos processos de desenvolvimento urbano. Busca-se, assim, fomentar identificação, pertencimento e mobilização social, oferecendo instrumentos reflexivos para que a comunidade compreenda seu papel nas disputas territoriais.

2.3 Relevância pessoal

A motivação para a realização da obra é profundamente pessoal. Como morador de Guarapari, tendo crescido na cidade, vivenciei diretamente a transformação de espaços que marcaram minha infância e juventude. Utilizei praias, praças e áreas públicas que, ao longo do tempo, foram modificadas e restringidas pela intervenção humana desenfreada. A experiência concreta de observar tais mudanças, algumas associadas à modernização, outras à descaracterização e perda de identidade regional, impulsiona a necessidade de registrar e de

problematizar essas dinâmicas e processos. O documentário surge, portanto, como exercício de memória, crítica e responsabilidade territorial.

2.4 Referências visuais e narrativas

As referências estéticas e narrativas desta obra baseiam-se, principalmente, em documentários e obras audiovisuais que abordam o mar como espaço simbólico, ecológico e geopolítico, bem como produções que exploram disputas territoriais em cidades costeiras. A linguagem visual busca articular paisagem e conflito, combinando imagens do litoral com registros urbanos e depoimentos, de modo a evidenciar que o espaço marítimo não é apenas cenário natural, mas território politicamente construído e socialmente disputado.

2.4.1 Descrição geral

Como referência estética e narrativa e de características criativas, os filmes documentários: *A lei da água - Novo código florestal*, A Plastic Ocean, *Chasing Corals, Citizen Jane: Battle for the city*, *Demain*, *Disappearing Beaches - The trouble with sand*, *Ilha das flores*, *Mapas Afetivos: São Paulo*, *Planet Ocean*, *Social Life of Small Urban Spaces*, *The human Scale* e *Thicker Than Water* e a reportagem *Os pobres vão à praia* ajudam na criação desse acervo estético de planos, angulações e recortes que serão de grande serventia para reflexões e processo construtor do documentário aqui proposto. Além disso, a série *One Piece*, da *Netflix* também foi referência nas reflexões sobre possibilidades de composição fotográfica.

2.4.2 Descrições específicas

O documentário *A Lei da Água* utiliza o plano americano na condução de algumas entrevistas, vide figuras 1 e 2, onde, nos primeiros planos dessas figuras, é possível notar a presença de uma planta e uma árvore, respectivamente, que se destacam da imagem, causando um efeito de profundidade. Tal aspecto pode promover ou sugerir maior imersão do personagem no ambiente no qual a entrevista se passa.

Figura 1 - Print Screen de trecho de entrevista do documentário *A Lei da Água*.



Fonte: (D'ELIA, 2014).

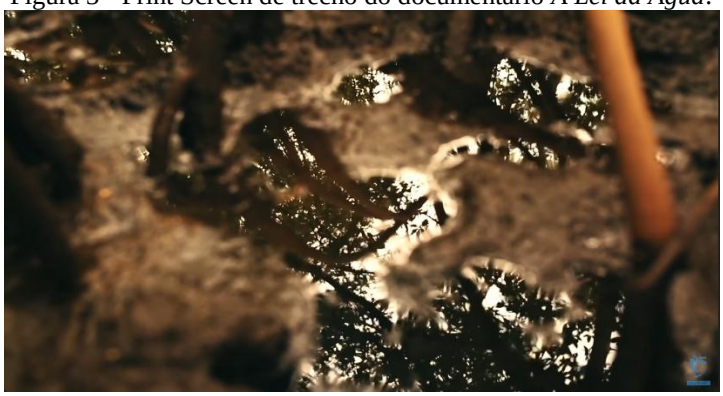
Figura 2 - Print Screen de trecho do documentário *A Lei da Água*.



Fonte: (D'ELIA, 2014).

Na Figura 3, as informações são conectadas visualmente, onde através de um plano detalhe, é possível ver o manguezal, ainda que com pouca nitideze, no fundo, as copas das árvores refletidas num plano contra-plongée embutido no plano detalhe.

Figura 3 - Print Screen de trecho do documentário *A Lei da Água*.



Fonte: (D'ELIA, 2014).

O documentário *A Plastic Ocean* possui cenas esteticamente muito atrativas, e uma das que mais chama atenção apresenta a embarcação de pesquisa de*Tui Tai*, vide figura 4. A imponência do navio na imagem se deve, parcialmente, ao ângulo semi-contra-plongée e ao plano geral, que, na ausência de outros elementos de fuga que não o oceano, criam um grande contraste que arrasta os olhos dos espectadores naturalmente para a embarcação.

Figura 4 - Print Screen de trecho do documentário *A Plastic Ocean*.



Fonte: (LEESON, 2012).

As figuras 5 e 6 apresentam deslocamentos de personagens envolvidos com as questões ambientais e refletem não somente suas relações com os espaços, como fazem isso de maneira não convencional. Outro aspecto importante é que, em muitos casos, não estes, as fontes e personagens são lateralizados no enquadramento, como por exemplo por finalidades estéticas. Mas o que acontece nesses dois casos não foi puramente isso, já que existe também a intenção de demonstrar os espaços como personagens e os seres-humanos como coadjuvantes.

Jáa figura 7 apresenta uma maneira criativa e esteticamente convincente de inserir parte dos créditos do documentário.

Figura 5 - Print Screen de trecho do documentário *A Plastic Ocean*.



Fonte:(LEESON, 2012).

Figura 6 - Print Screen de trecho do documentário *A Plastic Ocean*.



Fonte: (LEESON, 2012).

Figura 7 - Print Screen de trecho do documentário *A Plastic Ocean*.



Fonte: (LEESON, 2012).

O documentário *Chasing Corals* apresenta durante determinada sequência, uma cena em que um *time-lapse* capta o anoitecer em uma praia, como na figura 8, e vários trechos em que foram utilizadas câmeras de ação com a lente olho-de-peixe, especialmente em cenas submersas, como é possível ver na figura 9. Além disso, na figura 10 é possível ver a forma criativa como o filhote de tartaruga é posicionado em um enquadramento - que não é um plano detalhe -, que lateraliza o animal, demonstrando que existe uma preocupação conjunta em exibí-la e em estabelecer sua relação com o ambiente na qual se encontra.

Figura 8 - Print Screen de trecho do documentário *Chasing Corals*.



Fonte: (ORLOWSKI, 2017).

Figura 9 - Print Screen de trecho do documentário *Chasing Corals*.



Fonte: (ORLOWSKI, 2017).

Figura 10 - Print Screen de trecho do documentário *Chasing Corals*.



Fonte: (ORLOWSKI, 2017).

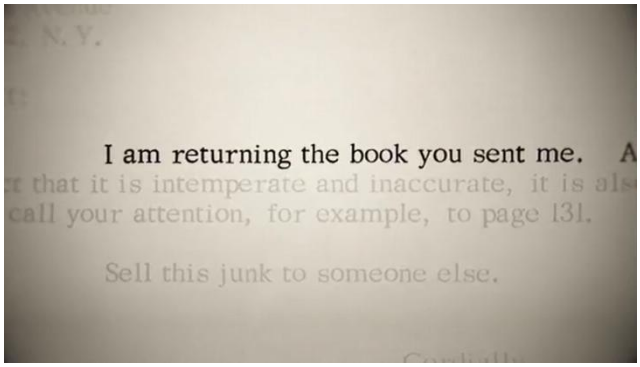
Em várias cenas do documentário *Citizen Jane: Battle for the City* foram utilizados esquemas e explicações dinâmicas e envolventes, como na figura 11 e na figura 12, onde, respectivamente, são apresentados: um mapa relacionando visualmente a ocupação com as relações interpessoais, cujo foram utilizados pequenos vídeos inseridos nos quarteirões representados nesse documento através da edição, e, no segundo exemplo, uma frase específica, assim como em outras cenas, é destacada do restante de um texto enquanto lido em *Voice over*. Isso gera dinamismo e prende a atenção do espectador de maneira muito simples e poética. Já nafigura 13 é possível visualizar como as pessoas foram retratadas enquanto uma unidade, condensando seus rostos num único plano, apesar de estarem efetivamente uma do lado da outra, enquanto olham para o monitor de um computador, comparando o raciocínio deles ao da figura principal do documentário, a ativista Jane Jacob.

Figura 11 - Print Screen de trecho do documentário *Citizen Jane: Battle for the City*.



Fonte: (TYRNAUER, 2016).

Figura 12 - Print Screen de trecho do documentário *Citizen Jane: Battle for the City*.



Fonte: (TYRNAUER, 2016).

Figura 13 - Print Screen de trecho do documentário *Citizen Jane: Battle for the City*.



Fonte: (TYRNAUER, 2016).

Em *Demain*, o dinamismo das entrevistas e de imagens de cobertura são de encher os olhos. Com desfoques em planos de fundo e enfoque nos planos primários, o documentário embeleza cenários locais do dia-a-dia e os transmite com exímia qualidade na tela. Através das aplicações técnicas como a *mise-en-scéne*, cada frame do documentário acaba se tornando uma fotografia impecável, como é possível visualizar nas figuras 14, 15 e 16.

Figura 14 - Print Screen de trecho do documentário *Demain*.



Fonte: (DION; LAURENT. 2015).

Figura 15 - Print Screen de trecho do documentário *Demain*.



Fonte: (DION; LAURENT. 2015).

Figura 16 - Print Screen de trecho do documentário *Demain*.



Fonte: (DION; LAURENT. 2015).

As figuras 17 e 18 são trechos do documentário *Disappearing Sands*,que aplicam também a utilização de elementos no primeiro plano, jogando entrevistador e fonte para o segundo plano. Isso acontece novamente para criar uma sensação de pertencimento e envolvimento com o meio-ambiente, que é a questão principal do documentário. Esse artifício reforça que o documentário mantém uma preocupação muito maior com os espaços em si, do que com a individualidade das pessoas em tela.

Figura 17 - Print Screen de trecho do documentário *Disappearing Sands*.



Fonte: (LICKES, 2021).

Figura 18 - Print Screen de trecho do documentário *DisappearingSands*.



Fonte: (LICKES, 2021).

As figuras 19 e 20 fazem parte do documentário *Ilha das Flores* e, em ambos os casos, como em muitos outros documentários, foram utilizados planos detalhe para associar as analogias com as narrações em *Voice Over*. A utilização de humor ácido também é muito presente.

Figura 19 - Print Screen de trecho do documentário *Ilha das Flores*.



Fonte: (FURTADO, 1989).

Figura 20 - Print Screen de trecho do documentário *Ilha das Flores*.



Fonte: (FURTADO, 1989).

Em *Mapas Afetivos*, a utilização da cena representada especificamente na figura 21 também chama atenção. Isso se deve pelo fato de que a cena, em plano americano, acaba apresentando duas angulações. Por conta da presença do espelho, que reflete a angulação frontal com uma angulação de nuca que enriquece a cena, criando uma certa ilusão de ótica, que provoca um aumento do espaço visível em tela, como é possível visualizar na figura 21.

Figura 21 - Print Screen de trecho do documentário *Mapas Afetivos*.



Fonte: (DEAK; LAVIGNATTI. 2018).

Num primeiro olhar, muitas cenas de *Planet Ocean* aparentam ser meramente a representação de cenários. Porém, a disposição dos enquadramentos demonstra a todo tempo que o documentário é praticamente um perfil sobre o planeta Terra, demonstrando suas várias nuances através de diferentes tipos de angulações, como podemos ver nas figuras 22 e 23.

Durante os créditos são apresentadas cenas adicionais muito interessantes, a exemplo da figura 24.

Figura 22 - Print Screen de trecho do documentário *Planet Ocean*.



Fonte: (ARTHUS-BERTRAND; PITIOT. 2012).

Figura 23 - Print Screen de trecho do documentário *Planet Ocean*.



Fonte: (ARTHUS-BERTRAND; PITIOT. 2012).

Figura 24 - Print Screen de trecho do documentário *Planet Ocean*.



Fonte: (ARTHUS-BERTRAND; PITIOT. 2012).

No documentário *Social Life of Small Urban Spaces* os ambientes urbanos são retratados grandiosamente, com angulações em plongée que os tornam “implacáveis” na tela, transformando-os em construções de concreto ainda maiores do que são. Essa sensação é causada pela ausência de pessoas no primeiro plano, e em casos similares ao da figura 25, pela ausência total de pessoas, pois não é possível estabelecer um parâmetro comparativo de dimensões.

A figura 26 cria uma ilusão visual com os espaços, sugerindo no imaginário do espectador, a dúvida sobre onde esses espaços terminam e onde eles começam.

Figura 25 - Print Screen de trecho do documentário *Social Life of Small Urban Spaces.*



Fonte: (WHYTE. 1980).

Figura 26 - Print Screen de trecho do documentário *Social Life of Small Urban Spaces*.



Fonte: (WHYTE. 1980).

Em *The Human Scale*, ao contrário do documentário mencionado anteriormente, é estabelecida uma relação de comparação entre os seres humanos e os espaços urbanos constantemente. Como é possível ver nas figuras 27 e 28, os personagens estão dispostos na tela através do reflexo do vidro e no primeiro plano respectivamente, mas ambos com um plano de fundo repleto de edifícios e uma vida noturna intensa. Essa proposta de fotografia remete ao título do documentário idealizado inicialmente, que tentava estabelecer uma conexão entre a escala da grandiosidade e crescimento frenético das cidades, com a diminuição da individualidade e personalidade das pessoas naquele lugar, o que é reforçado pela sensação de claustrofobia que os espaços apertados podem transmitir em tela.

Figura 27 - Print Screen de trecho do documentário*The Human Scale*.



Fonte: (DALSGAARD. 2013).

Figura 28 - Print Screen de trecho do documentário *The Human Scale*.



Fonte: (DALSGAARD. 2013).

Num dos trechos finais do documentário, como podemos ver na figura 29, várias pessoas são distribuídas na tela, em um momento muito breve. Todas elas se mostram presentesem um mesmo cenário, criando uma sensação de unidade entre elas.

Figura 29 - Print Screen de trecho do documentário *The Human Scale*.



Fonte: (DALSGAARD. 2013).

No documentário*Thicker Than Water* várias cenas demonstram de forma muito intimista a prática do *surf* e a sensação de estar na superfície do mar. A cena retratada na figura 30 exemplifica isso muito bem, enquanto que a figura 31 foca na beleza das ondas do mar.

Figura 30 - Print Screen de trecho do documentário *Thicker Than Water*.



Fonte: (JOHNSON; MALLOY; MALLOY. 2000).

Figura 31 - Print Screen de trecho do documentário*Thicker Than Water*.



Fonte: (JOHNSON; MALLOY; MALLOY. 2000).

A reportagem polêmica *intitulada Os Pobres Vão à Praia*, apesar de antiga e de qualidade inferior aos padrões atuais, devido às limitações da época, possui uma abordagem muito direta e escancarada da realidade brasileira dos anos 80. Durante os quase 30 minutos de duração, vários comentários preconceituosos são declarados em câmera explicitamente, demonstrando como o preconceito se manifesta nas pessoas em relação à ocupação de espaços públicos como as praias. A reportagem possui um grau acentuado de conteúdo explícito, incluindo a presença de uma pessoa assassinada num ônibus.

Essa condução da responsabilidade com a realidade, uma característica fundamental do formato documental, está bem representada na obra, que, apesar dos conflitos com as práticas e normas de conduta da atividade jornalística atual, são valiosos para resgatar uma memória do Brasil, que nunca morreu, mas que foi silenciado com o passar dos anos e com o desenvolvimento de políticas públicas e inclusivas. Este material é uma grande ferramenta de análise social. Além disso, diversas cenas foram filmadas de dentro de um ônibus extremamente apertado, já em outras, como na figura 32, é possível ver a grande concentração de pessoas em praias lotadas. Sempre relacionando a multidão de pessoas de baixa renda com o preconceito e o usufruto dos espaços sociais.

Figura 32 - Print Screen de trecho da reportagem especial *Os Pobres Vão à Praia*.



Fonte: (HOINEFF. 1989).

Por último, a série *Live Action,* adaptada do mangá *One Piece,*de Eiichiro Oda, possui uma estética que traz a grandiosidade para o mar em tela. Nos cenários onde existe chão, sempre existe uma divisão da vastidão dos oceanos, sempre imponentes em tela, com o solo.

Figura 33 - Print Screen de trecho da série de ficção *One Piece*.



Fonte: (SOUTHAM. 2023).

Figura 34 - Print Screen de trecho da série de ficção *OnePiece*.



Fonte: (WLADYKA. 2023).

Todas essas imagens elencadas são de grande inspiração para as escolhas na *mise-en-scéne* deste produto, como as angulações, os planos, a disposição dos elementos em tela, as cores, a luz e os locais onde foram captadas essas imagens. Em suma, grande parte do processo criativo deste TCC faz menção à extraordinária habilidade de vários diretores de captar a essência e a beleza dos ambientes/cenários, pessoas e objetos ao seu redor e conseguir relacioná-los sensivelmente com as narrativas abordadas por eles.

3. FILMAGENS E EDIÇÃO

Durante a pré-produção, tive a ideia de captar muitas imagens submersas, com uma câmera GoPro Hero 8. Entretanto, a câmera apresentou defeito com pouco tempo de uso. Esse fator interferiu na qualidade das imagens, que precisaram ser captadas de maneira quase integral com um telefone celular, Redmi Note Pro 11. Com sérias restrições financeiras, a aquisição ou aluguel de equipamentos profissional se tornou financeiramente inviável para mim. Entre as necessidades que tive de abdicar foi o uso de um tripé para a câmera disponível.

Ciente de que teria pouco tempo para filmar, precisei adotar algumas estratégias estéticas. A primeira delas é a técnica de handheld camera, sem o auxílio de tripé ou estabilizador. Algo que, posteriormente, se tornou importante até mesmo para manter discrição nas filmagens.

Este projeto começou com um grande problema: a localização distante da UFOP. Após finalizar todas as outras disciplinas da graduação em Jornalismo na UFOP, precisei postergar o trabalho de produção *in loco* e de captação de imagens e sons, enquanto ainda residia na cidade de Mariana, MG. Seria muito difícil conseguir todas as nuances necessárias para captação de imagens e sons morando a mais de trezentos quilômetros do objeto central deste produto, que é a cidade de Guarapari, ES. Portanto, assim que finalizei minhas disciplinas, retornei para minha cidade para iniciar a parte prática desta pesquisa e filme, em janeiro de dois mil e vinte e cinco.

Em reuniões com meu orientador, Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha, discutimos meios de conseguir captar com sensibilidade as imagens do documentário, sem que ele se tornasse cientificista, uma vez que grande parte do teor de seu conteúdo é sim pessoal, visto que, além de seu idealizador, sou tão morador de Guarapari quanto as fontes aqui registradas. Esses diálogos de orientação foram importantíssimos para traduzir em tela e em pesquisa, a ideia que eu tinha projetado mentalmente.

No dia nove de janeiro de 2025, precisei interromper as gravações do filme, pois iniciei uma jornada de trabalho na TV Guarapari, como repórter *trainee* no turno vespertino, o que atrapalhava a locomoção pela cidade durante o dia. Como consequência, precisei captar imagens durante a noite. Num determinado dia, fui liberado cedo do trabalho e decidi que iria até a região de *praias bucólicas* para fazer algumas filmagens, e, assim que cheguei no local, me deparei com a maior parte das praias vazias.

Captei algumas imagens na praia dos adventistas e, ao subir pela escada que dá acesso à trilha para outras praias, escutei um guarda apoiado na janela de uma guarita comentando sobre minha presença de maneira muito pejorativa. Segui o caminho pela trilha, ligeiramente

incomodado e continuei o processo de captação de imagens. Assim que cheguei na praia seguinte, escutei o mesmo comportamento de um guarda presente em outra guarita, e segui até a praia das conchas, que estava ainda mais deserta do que as praias anteriores.

Era por volta das quatroda tarde e o sol ainda iluminava o dia, quando cheguei na praia das conchas. Desci o pequeno lance de escadas e encontrei um grupo de quatro pessoas retirando suas cadeiras da areia da praia e saindo do local. Continuei andando pela areia, fazendo captações de imagem, quando notei que o segurança da guarita seguinte tinha deixado seu posto e andava pela areia na minha direção. Inicialmente o ignorei e continuei captando imagens, até que ele se aproximou e disse que eu não poderia filmar as praias e que eu deveria parar naquele momento. Como notei o tom ríspido na sua voz enquanto me assediava, logo tratei de filmar a situação, e, pelo comunicador dele, pude escutar alguém pedindo para ele perguntar quem eu era, o que eu queria ali, para quem que eu trabalhava e porque estava filmando as mansões. Rapidamente, ao questionar o guarda, ele desconversou e tentou se esquivar da situação, mas continuei gravando imagens e notei que todos os guardas já não comentavam mais sobre minha presença, mas mantinham um olhar fixo em mim, para onde quer que eu fosse.

Devido à essa situação, se tornou difícil voltar até a região para gravar mais imagens, especialmente sozinho. Mas continuei fazendo até que tivesse o necessário. Já em fevereiro, após minha experiência na TV Guarapari, me dei conta de que o espaço estava muito diferente do que no mês anterior. As intervenções dos espaços eram tamanhas, que de mês em mês, locais deixavam ou passavam a existir.

Entretanto, por motivos pessoais, precisei postergar a produção do filme documentário. Em reuniões com meu orientador, Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha, ficou claro que, naquele momento, eu não teria condições de continuar com o projeto. Depois de amenizar, ainda que minimamente, os problemas pessoais, retomei as atividades no segundo semestre do mesmo ano.

Vez ou outra continuava com o processo de captação de imagens, registrando as alterações que a cidade vinha sofrendo ao longo dos meses. Nas imagens, especialmente aquelas captadas em dezembro de 2025, ficava claro que os vários esqueletos de futuros edifícios explicitavam que Guarapari já havia sido gentrificada. E o que antes estava no território do e se, agora é uma realidade. Isso porque os preços dos imóveis não somente dispiraram - com apartamentos de dois quartos chegando a custar mais de R$6 milhões -, como o público mudou. Espaços que antes eram populares, hoje são habitados por pessoas elitizadas de maneira quase que exlusiva, um efeito direto do processo de gentrificação.

Esse intervalo de tempo acabou se revelando muito importante para que eu conseguisse evidenciar nas imagens do documentário como esse processo é cruel, uma vez que ele possui um agravante: acontece num espaço de tempo muito curto. E como comentado por Beatriz Bueno, historiadora e escritora do livro *Guarapari: Muito mais do que um sonho lindo* (2011), muitas das residências que aqui existem, são fantasmas, sem a presença humana constante.Durante as filmagens também devo ressaltar a importância da contribuição das fontes em se disponibilizarem para as gravações.

Beatriz Bueno me apresentou sua coleção pessoal de areias monazíticas de Guarapari, reservou tempo para me explicar sobre as diferentes composições de areias e compartilhar comigo muitas histórias sobre a cidade que eu desconhecia. A gravação com ela foi importante para além da imagens e entrevista. Serviu para a obtenção de conhecimentos que foram utilizados como material de pesquisa também. Beatriz integrava uma das ONG de Guarapari, o instituto AMAR, cujo presidente também consegui uma entrevista que não chegou a integrar o documentário. Em nosso diálogo, porém, muitas das falas dele corroboraram com as de Beatriz. Ela me contou, por exemplo que as intervenções das pessoas nas praias estão lentamente destruindo um dos bens mais preciosos da cidade de Guarapari, que são as areias monazíticas, que tornaram a cidade um ponto turístico a priori.

Essa história, aliás, data de décadas atrás, quando Garrincha, o famoso jogador de futebol, veio até a cidade que, posteriormente, viria a ser reconhecida com o apelido de “saúde”, por conta de suas areias radioativas, e pretas, que o esportista utilizou para tentar curar suas pernas.

Hugo Cavaca (biólogo), César Pinheiro e Potira, ambos integrantes da ONG Gaya Religare, se disponibilizaram de prontidão a fazer parte deste projeto e me disponibilizaram dezenas de dados sobre processos envolvendo empreendimento imobiliário e a terceirização de espaços públicos em Guarapari.

Hugo faz parte de um movimento que se mobiliza contra o Programa Estadual de Desenvolvimento Sustentável das Unidades de Conservação do Espírito Santo (PEDUC), que visa conceder à iniciativa privada o controle de parques e reservas do estado. Algo que vem sendo duramente criticado por moradores e instituições protetores do meio ambiente, por conta dos riscos que essa concessão acarreta, como a facilitação da destruição dessas áreas, indo contra seu suposto objetivo.

César Pinheiro também registrou que, em mais de uma ocasião, sofreu truculência por parte de guardas de condomínios de luxo da cidade, tendo, inclusive, sofrido uma agressão à mão armada, ressaltando em diversos diálogos, o quanto essa privatização silenciosa avança de

modo violento e excludente, enquanto a gentrificação acontece na faixa costeira da cidade. Ele ainda mencionou que instituições como a Gaya sofrem muito com a discriminação por parte de entidades de poder, bem como os seus integrantes. Assim, há uma disputa silenciosa sendo tramada entre entidades privadas e instituições não-governamentais na cidade, sobre a utilização dos espaços públicos num cenário de gentrificação caótico.

É nesse mesmo contexto que Potira se torna muito importante para este documentário. Ainda que breve, sua fala é o grito da representante do povo Borum de Guarapari, pela justiça territorial regional, uma vez que até mesmo o território que pertence historicamente ao seu povo foi tomado pela especulação imobiliária. Ela também relatou violencias vividas e exclusão desses espaços, não somente como moradora, mas como mulher indígena.

Durante o processo de captação de imagens e sons, percebi que este documentário deverá ser revisitado num futuro breve, talvez para adaptá-lo a uma forma seriada, para abordar questões que não poderiam ser abordadas aqui, principalmente pelo tempo ou estrutura necessários. Assim, Tekoha, que significa “o lugar onde somos o que somos” - para os Guarani, é o ponto de partida desta jornada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste filme documentário ultrapassou o campo da investigação teórica e assumiu contornos de experiência vivida. Ao longo das gravações em Guarapari foi possível perceber que os processos discutidos, como gentrificação, mercantilização do litoral e restrição simbólica do espaço público não se limitam a categorias analíticas, mas se manifestam concretamente nas relações cotidianas.

Durante a captação de imagens e sons, vivenciei diretamente um episódio de constrangimento e assédio moral por parte de um segurança privado a serviço do condomínio de luxo Aldeia da Praia. A abordagem, embora revestida de formalidade, carregava uma mensagem implícita de vigilância e intimidação, sugerindo que minha presença, enquanto morador comum registrando o espaço público, era indesejada. Tal situação revelou, de forma clara, como o controle territorial pode operar não apenas por meio de barreiras físicas, mas também por mecanismos simbólicos de exclusão.

Esse episódio não constitui um fato isolado. Ao contrário, reflete uma prática recorrente e frequentemente velada que atinge diversos moradores da cidade, sobretudo aqueles que não pertencem às camadas economicamente privilegiadas. A presença de guaritas com seguranças armados, estrategicamente posicionadas no perímetro da faixa de areia, produz o que se pode denominar "muros imateriais": dispositivos de controle que, mesmo sem impedir juridicamente o acesso, dado o caráter público das praias, instauram um ambiente de intimidação e segmentação social.

Esses muros não são feitos de concreto, mas de olhares, abordagens seletivas e demarcações implícitas de pertencimento. A faixa de areia, juridicamente bem de uso comum do povo, passa a ser utilizada como extensão privada, um "quintal" de milionários, enquanto moradores tradicionais e visitantes comuns sentem-se deslocados ou constrangidos. Trata-se de uma forma sofisticada de gentrificação costeira, na qual a exclusão se realiza menos pela proibição explícita e mais pela produção de constrangimentos sistemáticos.

Assim, a experiência empírica vivida durante as gravações reforça a hipótese central da obra: a de que o espaço urbano e litorâneo em Guarapari é atravessado por disputas silenciosas, nas quais o poder econômico redefine limites, comportamentos e presenças legítimas. A cidade, enquanto espaço coletivo, sofre processos graduais de privatização simbólica que afetam diretamente o direito à fruição plena do território.

Conclui-se, portanto, que o filme documentário desenvolvido não apenas registra transformações urbanas e ambientais, mas também evidencia as formas sutis pelas quais a

desigualdade se territorializa. Ao tornar visíveis esses “muros imateriais”, a obra busca contribuir para o debate público sobre pertencimento, acesso e justiça socioespacial, reafirmando que a praia deve permanecer como espaço de convivência democrática, e não instrumento de segregação dissimulada.

FICHA TÉCNICA

Personagens
Beatriz Bueno – Historiadora e Escritora
Cesar Ivan Pinheiro – Presidente da ONG GayaReligare
Hugo Silva Cavaca – Doutor em Biologia
Potira Borum M'nhang Uipe – Representante do povo Borum

Pesquisa, direção, produção, roteiro, imagens, edição
Cristiano "Lobo" Souza Brito

Orientação
Prof. Adriano Medeiros da Rocha

Músicas
Lucro – Baiana System
O que sobrou do céu – O Rappa
O Preço – Charlie Brown Jr
Abraço forte – Bhaskar e Hungria Hip-hop

Duração
24 min.

Apoio
Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA
Departamento de Jornalismo
Gaya Religare
Instituto AMAR
Hugo Silva Cavaca

REFERÊNCIAS

AHMED. Flávio. **Tutela jurídica das praias urbanas no Direito Ambiental Brasileiro.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018.

A LEI DA ÁGUA: NOVO CÓDIGO FLORESTAL.D'ELIA, André. MEIRELLES, Fernando. Brasil: Cinedelia; O2 PLAY, 2014. 1 documentário.

APLASTIC OCEAN. LEESON, Craig. LEIPZIG, Adam; RUXTON, Jo. Plastic Oceans Foundation. U.K: Netflix, 2012. 1 documentário.

ARISTÓTELES. **Ética a nicômaco.** Rio de Janeiro: Martin Claret, 2005.

BARNES, Richard E.; LEVINTON, Jeffrey S..**Marine Biology:** Function, Biodiversity, Ecology.Oxford, U.K: Oxford University Press, 2017.

BOUDOU, Christian Jean-Marie. **Da "cidade-saúde" à "cidade-turismo":** a invenção da praia turística de Guarapari(ES) - uma geografia histórica dos usos do litoral. Orientador: Araújo, Hélio Mário de. 2017. 148 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, março de 2017.

BRICCA, Jacob. **Documentary Editing:** Principles & Practice. U.K: Routledge, 2017.

BUENO, Beatriz. **Guarapari:** Muito mais do que um sonho lindo.Brasília: Thesaurus, 2011.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Legislação brasileira sobre meio ambiente.** Brasil: Câmara dos Deputados, 2010.

CHASING CORAL. ORLOWSKI, Jeff. RHODES, Larissa. U.S: Netflix, 2017. 1 documentário.

CITIZEN JANE: BATTLE FOR THE CITY.TYRNAUER, Matt. REESER, Corey. Altimeter Films. U.S: Submarine Entertainment, 2016. 1 documentário.

DEMAIN. DION, Cyril Dion; LAURENT, Mélanie. LEVY, Bruno. Move Movie; Mars Films; Mely Productions; France 2 Cinéma. France: Mars Distribution, 2015. 1 documentário.

DISAPPEARING BEACHES: THE TROUBLE WITH SAND. LICKES, Tobias. REINGOLD, Anja. NDR Produktion, Alemanha: DW Documentary, 2021. 1 documentário.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.** Vitória, ES: FENAJ, 2007.

GARRISON, Tom S..**Oceanography:** An Invitation to Marine Science. Boston, Massachusetts, U.S: Cengage Learning, 2015.

ILHA DAS FLORES. FURTADO, Jorge. Casa de Cinema de Porto Alegre. Porto Alegre, RS: Embrafilme, 1989. 1 documentário.

KANT, Immanuel. **A fundamentação da moral.** Lisboa, Portugal: Leya, 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. **Lugares de Origem.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001. (3. ed)

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: ÉditionsAnthropos, 2000) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** Trad. Rubens Eduardo Frias (do original: Le droit à laville. 1e éd. Paris: ÉditionsAnthropos, 1968) São Paulo: Centauro Editora, 2011. (3. ed)

MAPAS AFETIVOS: SÃO PAULO.DEAK, André; LAVIGNATTI, Felipe. CASTANHO, Bianca. São Paulo, SP: Liquid Media Lab, 2018. 1 documentário.

MASCELLI, Joseph V..**The Five C's of cinematography.** Los Angeles, U.S: Simon-James Press, 1965.

NICHOLS, Bill.**Introdução ao documentário.** Campinas, SP: Editora Papirus, 2005.

ONE PIECE. SOUTHAM, Tim. HORIUCHI, Amie; NAITO, Takuma. Kanji Productions; Shueisha; Tomorrow Studios.Internacional: Netflix, 2023. 1 série (ep. 6).

ONE PIECE. WLADYKA, Joseph. HORIUCHI, Amie; NAITO, Takuma. Kanji Productions; Shueisha; Tomorrow Studios.Internacional: Netflix, 2023. 1 série (ep. 8).

OS POBRES VÃO À PRAIA. HOINEFF, Nelson. Documento Especial. Rio de Janeiro: Rede Manchete, 1989. 1 reportagem especial.

PALUMBI, Stephen R.; SOTKA, Carolyn. **The Death and Life of Monterey Bay.** U.S: Island Press, 2010.

PLANET OCEAN. ARTHUS-BERTRAND, Yann; PITIOT, Michael. GoodPlanet Foundation; Hope Production. International: Amazon Prime, 2012. 1 documentário.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário:** Da pré produção à pós produção. Campinas: Papirus, 2009.

RABIGER, Michael. **Directing the documentary.** London, England: Taylor & Francis, 1987.

ROBERTS, Callum. **Ocean of Life:** How Our Seas Are Changing. U.K: Allen Lane, 2012.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Edusp. 1993

SANTOS, Milton. **A urbanização desigual.** São Paulo: Edusp, Terceira versão: 2021.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado.** São Paulo: Edusp. 1988.

SOCIAL LIFE OF SMALL URBAN SPACES. WHYTE, William H.. Municipal Art Society of New York. U.S: Street Life Project, 1980. 1 documentário.

TEIXEIRA, George Luiz Sampaio.**Aspectos jurídicos da ocupação de áreas de praia no litoral do estado do Ceará**. Orientadora: ARAÚJO, Sarah Carneiro. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2008.

THE HUMAN SCALE. DALSGAARD, Andreas Møl. Final Cut for Real. Danmark: AutlookFilmsales, 2013. 1 documentário.

THICKER THAN WATER. JOHNSON, Jack; MALLOY, Chris; MALLOY, Emmett. WoodshedFilms. US: WoodshedFilms, 2000. 1 documentário.